

"O VÔO DO VISOR"

Peça - Recital de lançamento

TEXTO TEATRAL

1º A T O

" A Declaração do Poeta "

Cenário :

Estamos num Tabelionato de Notas, Títulos e Documentos. Um pequeno balcão, duas cadeiras à frente. Atrás do balcão, para o lado esquerdo, uma mesinha, máquina de escrever e mais uma cadeira. Em cima do balcão, uma pilha de papéis, alguns carimbos e uma plaqueta com a inscrição : " SEJA BREVE E PACIENTE" .

Nas paredes laterais, três cartazes com os seguintes dizeres cada um : " TABELIONATO " : "VIVA A BUROCRACIA " ; " XEROX-REGISTROS - ATESTADOS - CERTIDÕES - RECONHECIMENTO DE FIRMA " .

No fundo, uma tela branca para a projeção de slides .

Primeiro Movimento de Cena :

Atrás do balcão, de pé, o TABELIÃO. Um cidadão de meia idade, cabelos grisalhos, óculos escuros, vestindo terno e gravata.

Na mesinha, batendo à máquina sem parar, a FUNCIONÁRIA.

O TABELIÃO, então, demonstrando um ar de superioridade e magnitude, começa a recitar :

MONÓLOGO DO TABELIÃO

Palavras
Papéis
Documentos

Títulos
Notas
Inventos

O Homem
De mim depende
Depende de mim
Seus tormentos

Uma vírgula a mais
Uma letrinha a menos
A tudo experimento



Eu cumpro à risca
 O buro-intento
 Nos mínimos detalhes
 Suas regras contento !

Surpreso com a improvisação, conclui aos seus botões, num largo sorriso de satisfação :

— Eureka ! Acabei compondo uma poesia. Estou me tornando um versejado esteta ... Acho que vou entrar para a Casa do Poeta !

CENA 1 :

Nesse momento surge um rapaz, afeito e exultante, a beijar sem parar um papel que trás à mão, sendo recebido pelo TABELIÃO com o mesmo sorriso enigmático, o olhar fitando o vazio, sem descer para o jovem visitante :

— Às ordens, cavalheiro ?

E o rapaz, algo emocionado :

— Puxa ! Afinal, consegui aquele detalhe que estava faltando nesta nota promissória ...

O TABELIÃO, mantendo o mesmo sorriso :

— Detalhe ? Detalhe de quê, cavalheiro ?

E o CLIENTE, perdendo toda a euforia :

— Ora ! Na nota promissória que o senhor ...

O TABELIÃO, na mesma pose :

— Que nota promissória, cavalheiro ?

O CLIENTE, cada vez mais surpreso :

— A nota promissória aquela ... o senhor não está lembrado do caso ?

E o TABELIÃO, algo indignado :

— Caso ?! Que caso, cavalheiro ?

O CLIENTE, então, mais do que exaltado :

— Ora ! Mas é o fim da picada ! É a décima vez que venho aqui, e em todas elas o senhor encontra alguma coisa prá complicar! Sempre se lembra de algum detalhe a faltar ! E tudo isto só por causa de uma simples nota promissória ! Cujo emitente faleceu, o avalista está se divorciando e o sacado é cubano. Já peguei o atestado de óbito do emitente ; comprovei o nº do CPF do sacado ; tirei uma certidão do Distribuidor do Foro sobre o inventá-

rio do emitente; uma cópia do processo de divórcio do avalista e até uma declaração da sua mulher concordando com o aval ... Só falta o senhor me pedir agora o atestado de vacina dos três !!!

Impassível, o TABELIÃO — enquanto aparece um rapaz, o qual senta numa das cadeiras e fica a ler e remexer uns papéis — responde ao exaltado jovem com o mesmo sorriso :

— São as normas, cavalheiro. As leis. Os Decretos. As portarias. Os regulamentos. Seja breve e paciente, cavalheiro ! Estamos ajudando a combater a burocracia ...

E o CLIENTE, não se contendo mais :

— Combater a burocracia ? ! Ora, mas isto até parece gozação ...

Porém, o TABELIÃO, notando a presença de outro rapaz, dirige-lhe a mesma pergunta :

— Às ordens, cavalheiro ?

Interpelado, o rapaz dos papéis, quase num sobressalto responde :

— Ahn ? Pois não. Eu queria registrar ... Nesse momento, a FUNCIONÁRIA pára de bater à máquina, e indaga, como se estivesse saindo de um transe :

— Registrar ? !

E o citado rapaz, continuando a frase :

— Uma declaração ...

Novamente a FUNCIONÁRIA, como se determinadas palavras lhe fossem uma ordem de comando :

— Declarar ? !

O rapaz, pela primeira vez se dirigindo à ela, e depois para o TABELIÃO :

— Sim. Uma declaração poética. A minha visão da vida e do mundo. O meu canto de esperança para os Homens...

E o TABELIÃO, mais do que surpreso :

— Uma declaração poética ? !

— o CLIENTE da nota promissória :

— Sois um poeta ?

De forma gentil, o rapaz responde a todos :

— Talvez. Vocês gostariam de ouvi-la ?

O TABELIÃO e o CLIENTE se entreolham, indeci-



sos, enquanto o POETA anuncia :

— Pois bem. Vamos lá !

Pára, levanta-se da cadeira, ajeita o papel e se dirige à platéia :

— "Meu poema é o poema dos encontros. É o poema da palavra e da voz da poesia ...

Nesse instante, a música "Also Sprach Zarathustra" aparece ao fundo e acompanha sua voz até o fim.

O POETA lê o "PRÓLOGO" de abertura do livro "O VOO DO VISOR", movimentado-se pelo palco todo, enquanto os demais atores lhe acompanham em passos medidos, como num bailado, fitando-lhes interessados, numa expressão de surpresa e curiosidade.

O POETA :

Meu poema é o poema dos encontros. É o poema da palavra e da voz da Poesia. Canto o acalanto da vida e das coisas que persistem no sonho e na arte de Existir.

Meu poema é o poema dos boêmios, dos desviados, o tema dos loucos e sonhadores que agarram a inspiração como o náufrago ao néctar da salvação.

É o poema das prostitutas, das filhas da noite a quem a Pena serve o lírio dormente e embebe o pranto vil.

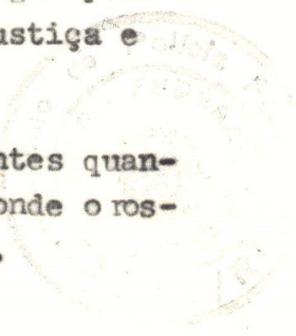
É a cantilena dos esquecidos, desde o pequenino que vaga e jaz febril até os humildes seres de tão bacante legião.

Ele é simples, por ser simplesmente serena metamorfose de anos explodidos no peito de um menino sedento de mundos e cego de amor.

Traz sempre em seu dorso de cometa, um pouco de conforto e um ramo de perdidas canções por um tempo liberto e colorido.

Meu poema não é a forja onde se flui o pão dos louros, nem o galanteio às pompas servis. Ele cria e ruge pela sina do que é atroz e desafia os céus — por tanta injustiça e por quanta irrisão !

É pequeno, mas assome gládios de gigantes quando a Causa requer a sua mão. Quando a Musa social esconde o rosto e a dor dos necessitados lhe pede a clava do ardor.



Meu poema é uma exaltação à Vida — esse concerto dos sentidos, essa realidade natura estampada no mais ínfimo vagalume à estrela maior de outras maiores dimensões.

É a viagem pitoresca e o pouso de arrebatamento do Gênio em imagens, sons e vislumbres. É o Poeta.

E como é fácil sentir-se poeta na magia de um segundo !

Meu poema, por isso, é o Homem — límpido e tangido em seu dom imortal de recriar o próprio Ser. Que vive e palpita por um Todo — milagre etéreo que o faz grandioso no limite de sua pequenez.

É um espelho, sobretudo, das avenidas da existência, das dúvidas e reflexões do ego humano.

Mas ele também é a infância em fragrância, o lirismo dos mil parques de flores e sóis. A graça sensual e feminina, os vergéis da adolescência e o contemplar da velhice.

Meu poema é o devaneio dos anseios e das compreensões, dos eternos enamorados pela busca empírica da Felicidade, vital e espiritual. É renovação e esperança.

Meu poema, enfim, talvez seja pouco perante a sua procura de universos, na trajetória em viagem da nave da amplidão ou no rastio consciente do Visor.

Pois meu poema é você ! Réquiem de amigo e de hóspede em sua eterna morada.

Excélsa e renovada morada sublime da minha vida.

CENA II :

Concluída a leitura de "PRÓLOGO", indaga o CLIENTE, curioso, ao POETA :

— Visor ?! Que Visor ?

Recitando a 1.ª estrofe do poema "O VISOR" (poesia integrante de " O Canto do Visor", primeiro livro do autor), explica o POETA :

— "O Visor é a Consciência !
O espectro que alado
Assome justiceiro
A mente de um mortal
— Visão que do céu pendeu
Um pensamento que diz : Amor



A voz do Homem, o Censor
Invisível que ao Gênio ardeu !"

Continua o POETA a sua explanação :

— Misto de pássaro e fantasma, é como um velho amigo a quem faço minhas confidências, troco idéias, debato vários assuntos. A minha maneira, enfim, de cantar e Ser, avaliar o Tempo. A História.

Enquanto os atores cercam o POETA, chega a vez da FUNCIONÁRIA de perguntar :

- E a Poesia ?! Prá que serve a Poesia ?
- E o TABELIÃO, complementando :
- A quem é útil a Poesia ?

Respondendo aos dois, o POETA passa a declamar o poema " DECÁLOGO ", dirigindo uma estrofe para cada ator, enquanto lhes entrega algumas cópias da sua declaração:

O POETA:

Acredito na poesia
Na poesia como arte
Simplesmente
Na poesia pura cheirando orígens
Na poesia das beatas, das virgens
Das prostitutas, dos boêmios
Dos velhos com ar de licença-prêmio
Creio na poesia como poesia
Exatamente.

Começo, pouso, fim
Sonata nata do eu em mim
Do universo presente que amo
Do universo futuro que amareiq
Amar com posse sem possuir
Mas ter assim como num tema
Dores com risos valsando
Noites com dias rimando
Aurora de poesia
De poesia poente.



Para poesia ser encontro
 Saber casar realidade e sonho
 Numa só alameda em meio ao mundo
 E ser pasto e operário e vagabundo
 Gente contente em ser arbusto
 Para povo de novo renascer
 Num soneto, numa canção, num verso
 Desses que tornam um bêbado augusto !

Acredito na poesia
 Na poesia lírica vertendo inspiração
 Cantando comigo oceanos sem fim
 Terras esbeltas do meu todo país
 Pro País de São-Nunca onde chegarei
 Um dia em romaria de poesia
 Após o tempo da vinha, a poética
 Que uma década pulsa musa em mim.

Acredito na poesia
 Na poesia como arte
 Simplesmente
 Na poesia filha das grandes causas
 Que abre humanista, qual ave sem pausas
 Seu etéreo coração
 E além do amor, das flores, dos inocentes

Os dois últimos versos do poema são recitados por todos, punho esquerdo em riste :

JOGRAL :

—"Acredito na poesia
 Saudando dos homens a REVOLUÇÃO ! "

Feliz com o resultado, enquanto os demais atores regozijam entre si, o POETA bate palmas e comenta :

— Muito bem, muito bem ! Vejo que vocês começam a entender a minha declaração !



CENA III :

O POETA e a FUNCIONÁRIA, então, mais o CLIENTE de pé, escorado no balcão, improvisam um diálogo à meia-voz.

O TABELIÃO, porém, vai para a boca do palco e começa a falar para a platéia :

— Imaginem ! Eu, um tabelião, recitando, falando em poesia ! Engraçado ... e por quê não ? O que há de mal nisso ? Por sinal, em falando de males ... raios ! Abaixo a burocracia ! Cantemos a esperança, o coração, a liberdade !

E num gesto tresloucado, tirando a gravata e o paletó ao chão :

— Basta de riscar, carimbar e empinar papel... quero ouvir o pranto que adoça o fel ! Chega de ver máquinas comandando, produzindo ... quero olhar o menino sorrindo ! Abaixo o lucro, as cifras, o faturamento ... é tempo de desvendar o humano sentimento !

Pára, toma fôlego e complementa :

— Merda ! Não é que fiquei curioso prá saber o que este poeta tem a dizer ...

Depois, sussurando para o público, conclui efusivo :

— Basta provocá-lo e veremos ...

A seguir, volta-se para a roda em torno do POETA, momento em que esse está a dizer :

— O poema é como um aperitivo. Às vezes, um desafio. É como tentar conquistar o coração de uma mulher... Seu convite é a própria sedução ! Nasce, de repente, como a luz que se acende na manhã. Verte, a inspiração, por exemplo, até de uma notícia de jornal ...

O CLIENTE, então, com um jornal na mão, interrompe :

— Por falar em jornal, vejam só esta : na Áfrida do Sul, logo lá onde é praticado o racismo mais infame do mundo, um negro acaba de falecer, doando o coração para salvar a vida de um homem branco ! Numa operação de transplante realizada por aquele famoso cirurgião ...



Emenda a FUNCIONÁRIA :

— Dr. Christian Barnard ...

Confirma o CLIENTE :

— Esse mesmo !

Exultante, o POETA Comenta :

— Não parece a vocês que a África se vinga do opressor, no gesto nobre do seu filho oprimido ?! É como se todo um Continente despertasse, de repente, de um transe ...

Prontamente, o TABELIÃO passa a recitar a 1ª estrofe do poema " TRANSE ":

O TABELIÃO :

Que ressoe o vento à flor das savanas !
 Que tisna d'alva chama o Kilimanjaro
 Leões e Bufálos ao galope do arrebol ...
 Que as lágrimas da tarde ao fluir do Nilo
 O Nômade, o Banzo, unam o filho hercúleo
 Na África os extremos — de sol a sol !

← Em continuação, o cliente declama a 2ª. estrofe, a FUNCIONÁRIA a 3ª. e o POETA a 4ª e última, concluindo todos em JOGRAL as últimas palavras do poema:

O CLIENTE :

Da livre manhã desperta às caravanas
 Das Tribos castas ao latejar da selva
 Embargo instante ... milenar ... sutil !
 Refulja a lança do Zulú, do Kafre !
 O Congo altivo e os Oceanos ao brado
 De um Povo todo a se embargar anil !

A FUNCIONÁRIA :

Que a Garça vague do Vitória — além !
 Que cantem as minas da Rodésia ao som
 Do atabaque o rítuo de naturos véus ...
 Que as mil areias dancem no Saara
 A consciência da História ilusória
 Do opressor — O Continente e Deus !

O POETA :

— Na África em bem ao sul — pasmem !

Hipócritas báratros do vil pigmento !
 Parou o Tempo à lis da Redenção :
 Um branco respira — e tem no peito
 De um preto não o visto do Racismo.
 Mas, a vida, mas o amor e ...

O JOGRAL :

— " ... um CORAÇÃO !

CENA IV :

Finda a interpretação do poema, os demais atores voltam-se para o POETA, num tom inquiridor, indagando-lhe a FUNCIONÁRIA :

— E por falar em amor, acreditas no amor, poeta ?

Questiona o CLIENTE, por outro lado :

— E por falar em amor, acreditas no desamor, poeta ?

Contrapondo-se ao CLIENTE, em defesa da sua tese, a FUNCIONÁRIA passa a declamar o soneto " DO AMOR " :

A FUNCIONÁRIA :

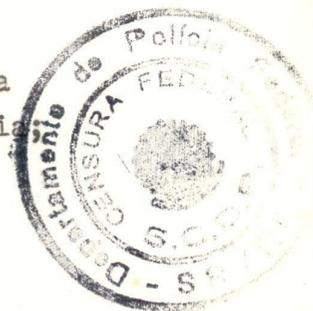
Em todo o amor é necessário acontecer
 Num momento existencial, essa aventura
 Que do primo instante sabe que perdura
 Sua chama, aquela que inflama e vibra o ser.

Em todo o amor há uma história pra dizer
 Desse devaneio que se faz ternura
 Passado que é presente e na alma dura
 Qual beijo casto que cuidamos de esquecer.

É que, sei lá! De uma lágrima sentida
 Fica em nós no místico real da fantasia
 E tudo explica sem explicar, pois poesia

Poesia doce e única — salmo da vida
 Vivê-lo é apalpar um sonho e crer

Que quem ama e sonha não pode mais morrer !



A seguir, chega a vez do CLIENTE transmitir sua visão da outra face do amor, recitando o "SONETO DE DESAMOR":

O CLIENTE :

Não falar de amor ... nem por amor buscar
Que amar não é o fim, mas o meio e traga
A ilusão e a inocência, qual a vaga
De um coração por tenebroso mar.

Não lembrar de amor ... embora em dor a paga
Seja o sonho irreal da solidão e no olhar
Outros olhares seu alento façam orar :
Que por um seio amigo nunca um ser naufraga.

Não lamentar ... apenas salmo de tristeza
Reter na alma o acalanto da ternura e mudo
Velho anseio no amanhã por uma nova amada !

Simplesmente passar ... e por amor, sem surpresa
Ver que ele já **pousou** na vida (quem sabe o tudo)
Ou nunca existiu ... para morrer (talvez de nada!)

CENA V :

Por fim, é a vez do TABELIÃO, dedo em riste ,
perguntar ao POETA :

— E a boemia, poeta ? O que dizes do mundo
fantástico da noite, inveterado sonhador ?

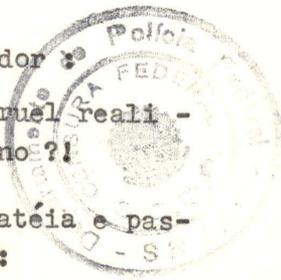
Aproveitando a pergunta do TABELIÃO, acres -
centa a FUNCIONÁRIA :

— És partidário, **acaso**, da nostálgica magia
de um violão em seresta ? Da fossa de amor afogada à mesa de um
bar ?

E o CLIENTE, no mesmo tom inquiridor :

— Ou és partidário, **acaso**, da cruel reali -
dade da noite ? Da amarga ironia de um "spleen" noturno ?!

O TABELIÃO se dirige, então, à platéia e pas -
sa a declamar a la. estrofe do poema "SPLEEN NOTURNO" :



O TABELIÃO :

Uma prostituta pede pão, uma prostituta
 Pede pão acima do bar-de-esquina
 Na esquina do bar da minha rua
 Onde a mariposa é atraente, reverente
 Ao gourmê e ao boêmio sem trabalho
 E onde a noite é a dama do agasalho
 Da rua deserta, aberta ao chatô, platô
 De um cão que uiva e lamenta a lua nua.

O próprio POETA diz a 2ª estrofe, o CLIENTE a
 3ª, recitando a FUNCIONÁRIA os dois últimos versos do poema, re-
 petitivos :

O POETA :

Ah! Vontade essa de provocar a maldade
 Em mundos furibundos, em moribundos
 Sub-Mundos, profundos como a vida cortesã
 Na névoa da boate ao marginal de tal
 Na visão afeita à fome sem nome nem renome
 Onde a viagem da ilusão no gargalho some
 Ao sol da sociedade proibida, à luz girassol
 Da noite-dor, da noite despida e sem manhã.

O CLIENTE :

Nesta minha rua da senhora sem demora
 Do mendigo que abraça a lage à sombra
 Esquálida do operário-salário que afaga
 As formas pálidas da mariposa de cetim
 Sem afins de um fim enfim que em mim
 É como as garras do Visor no coreto do horror
 Solitário como o cão que lamenta à lua imensa

A FUNCIONÁRIA :

A indiferença dos homens pela desgraça humana
 A indiferença dos homens pela desgraça humana !

CENA VI :

Finalmente, o POETA que até então se limitara a assistir a inquirição dos demais atores, levanta-se da cadeira e os interpela :

— Muito bem, muito bem ! Falou-se neste augusto encontro de amor, desamor, boemia, fraternidade, da própria poesia ... Mas, e o poeta ? Onde fica o poeta nessa história toda ? Seria somente essa a sua missão ?

E eles, numa só voz e gestos :

— Somos todos ouvidos, poeta !

O POETA volta a sentar-se, e como se falasse apenas consigo, comenta :

— Eu o conheço, O verdadeiro menestrel. Eu o conheço! Aquele que une o lirismo do coração ao sal da terra. Mais do que mágico e artista, um homem. Cidadão integrado às lutas do seu tempo ... Poeta gente, liberto das torres de marfim da alienação doentia, do egoísmo pessoal ! Cantador do povo, apostador em sua vitória final contra a miséria e a opressão .. Arauto da grande Pátria do Porvir ...

Interrompem os atores :

— Assim seja, poeta !

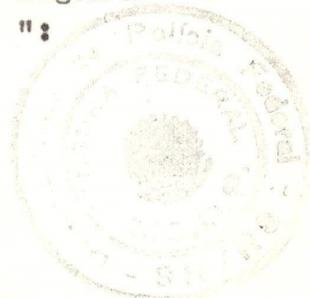
Prossegue o POETA :

— Eu os conheço. Eu os conheço ! Os Castro Alves, Maiacovskys, os Nerudas. Não, Mestre Quintana, não dá para engolir essa ! O Poeta é um ser pensante, e pois, ser político. Entender ou não da questão social, pouco importa, basta senti-la, transmiti-la, enfim, às gerações e aos poetas de todo o mundo na forma de um apelo, de uma ... petição !

Prontamente o CLIENTE, atendendo à mensagem do Poeta, passa a recitar a 1ª estrofe do poema " PETIÇÃO " :

O CLIENTE :

Ah, tu ! Tu que negas o fado incerto
 Ah! Tu que andas em discos voadores
 Pássaro de cristal !
 Nessas noites, nessas noites como geme
 O canto dos oprimidos, como freme
 A mariposa do mundo, acaso não ouves
 Esse pranto social ?



Recita a FUNCIONÁRIA a 2ª estrofe, o TABELIÃO a 3ª,
e o POETA a 3ª e última.

A FUNCIONÁRIA :

São tristes da madrugada as horas
Em que esse abismo descobre a dor
Trêmulo, febril !

Bastardo! Cospe o cetim que te fere o ego !
Vê o mendigo que delira, vê o vulto cego
E a legião de obreiros unguídos à Musa afã
Que anseiam a lira anil !

O TABELIÃO :

Sim! O que mais vinga nessa vida
Senão emergir no colo das Revoluções
Poeta, mas Homem além ?
Pelos céus ! Pelas preces dessa era meretriz !
Sê irmão, rasga o teu dossiê, o figurino giz
E humano, valha só a brisa da Esperança
Pela herança do Bem !

O POETA :

Ah, tu ! Tu que foges da nobreza maior
Ah! Tu que o pequenino pobre ignoras
No vil metal, senhor !
Troca esse lirismo estéril pela flor, esta
Que ruga sem correntes e no povo é festa !
E crê num Ideal, e ama a Verdade, e morre
Em nome desse Amor !

O 1º ATO se encerra aos acordes da música " Uma Can-
ção de Amor ", na voz de Joana.

